

AS FALAS DE E SOBRE MARIA VALÉRIA EM “O SOBRADO”: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA POR ERICO VERISSIMO

THE TALKS OF AND ABOUT MARIA VALÉRIA IN “O SOBRADO”: THE CONSTRUCTION OF THE FEMALE CHARACTER BY ERICO VERISSIMO

LAS HABLAS DE Y SOBRE MARIA VALÉRIA EN “O SOBRADO”: LA CONSTRUCCIÓN DEL PERSONAJE FEMENINO POR ERICO VERISSIMO

Leandro de Araújo¹
Clara Dornelles²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre os diálogos da personagem Maria Valéria Terra na obra *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo, especificamente nos capítulos denominados *O Sobrado* (VERISSIMO, 1995), constituintes dos tomos I e II do livro *O Continente*. Com esta proposta de reflexão, busca-se entender como o autor utiliza os recursos linguístico-discursivos na construção da personagem, do ponto de vista linguístico e literário, compreendendo, assim, seu papel dentro da trama. O referencial teórico inclui autores que pesquisam e desenvolvem teorias a respeito da criação literária de personagens, além da análise da própria obra de Verissimo, considerando o período histórico retratado no texto. O estudo da obra por meio desta pesquisa literária levou a compreender que o autor faz uso de recursos linguísticos-discursivos na criação de uma personagem controversa, constituída como um desvio para a norma patriarcal e conservadora predominante. Maria Valéria Terra está na obra como um grande e necessário olhar questionador, responsável por reflexões importantes a respeito desta norma.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Erico Verissimo. *O Tempo e o Vento*. Análise literária. Maria Valéria.

Abstract: The aim of this paper is to promote a reflection on the dialogues of the character Maria Valéria Terra in the novel *O Tempo e o Vento*, by Erico Verissimo, specifically in the chapters called *O Sobrado* (VERISSIMO, 1995), constituting volumes I and II of the book named “*O Continente*.” With this proposal of reflection, we seek to understand how the author uses the linguistic-discursive resources in the construction of the character, from a linguistic and literary point of view, thus understanding his role within the plot. The theoretical framework includes authors who research and develop theories about the literary creation of characters, in addition to the analysis of Verissimo's own work, considering the historical period portrayed in the text. The study of the work through this literary research led to understanding that the author makes use of linguistic-discursive resources in the creation of a controversial character, constituted as a deviation from the predominant patriarchal and conservative norm. The character called Maria Valéria Terra works as a great and necessary questioning gaze, responsible for important reflections on this standard.

¹ Graduado com licenciatura plena em Português pela Universidade Federal do Pampa. E-mail para contato: leandroaraujo.info@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1795-5463>

² Professora Associada do curso de Letras Línguas Adicionais e do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail para contato: claradornelles@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6472-7354>

Keywords: Brazilian literature. Erico Verissimo. *O Tempo e o Vento*. Literary Analysis. Maria Valéria.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre los diálogos del personaje Maria Valéria Terra en la obra *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo, específicamente en los capítulos denominados *O Sobrado* (VERISSIMO, 1995), que constituyen los volúmenes I y II del libro *O Continente*. Con esta propuesta de reflexión buscamos comprender cómo el autor utiliza recursos lingüístico-discursivos en la construcción del personaje, desde el punto de vista lingüístico y literario, comprendiendo así su papel dentro de la trama. El marco teórico incluye autores que investigan y desarrollan teorías sobre la creación literaria de personajes, además del análisis de la propia obra de Verissimo, considerando el período histórico retratado en el texto. El estudio de la obra a través de esta investigación literaria permitió comprender que el autor hace uso de recursos lingüístico-discursivos en la creación de un personaje controvertido, constituido como una desviación de la norma patriarcal y conservadora imperante. Maria Valéria Terra está en la obra como una gran y necesaria mirada cuestionadora, responsable de importantes reflexiones sobre esta norma.

Palabras clave: Literatura brasileña. Erico Verísimo. *El Tiempo y el Viento*. Análisis literario. Maria Valeria.

Introdução

Está *O Tempo e o Vento*, obra máxima de Erico Verissimo, entre as mais importantes da segunda fase modernista da literatura brasileira. Dividida em três romances, que por sua vez estão divididos em sete tomos, conta, através de uma saga que reúne duas típicas famílias gaúchas, a história política do Rio Grande do Sul compreendida entre 1745 e 1945, bem como a influência deste estado na política nacional até o Estado Novo, terceiro mandato na república brasileira, que durou de 1937 a 1946. O objeto de estudo deste trabalho de pesquisa se concentra no conteúdo dos dois primeiros tomos do primeiro romance constituinte de *O Tempo e o Vento*, identificados editorialmente como *O Continente I* e *O Continente II*. Nestes volumes serão analisados os capítulos que compreendem o evento identificado como *O Sobrado*³, que descreve os acontecimentos durante o sítio realizado ao sobrado que dá nome ao capítulo, residência da família do chefe político da fictícia cidade de Santa Fé, Coronel Licurgo Cambará, durante duas noites e três dias de junho de 1895. O foco principal deste estudo está nos diálogos da personagem Maria Valéria, importante elemento narrativo da obra, que possui características tão marcantes quanto peculiares dentro da trama.

³ Em *O Tempo e o Vento*, o tomo "O Continente I" possui quatro capítulos distribuídos não linearmente, identificados como "O Sobrado I", "O Sobrado II", "O Sobrado III" e "O Sobrado IV". Em "O Continente II", temos "O Sobrado V", "O Sobrado VI" e "O Sobrado VII".

Maria Valéria está colocada em uma posição estratégica dentro do texto de *O Tempo e o Vento*. Conforme afirma Assis Brasil (2019, p. 21), são as personagens “que transformam as histórias em alta literatura⁴ e, portanto, fazem com que essas obras permaneçam conosco durante muitos anos após a leitura”. Ela, a personagem, não dialoga apenas com as pessoas, mas com o tempo em que está inserida e o que está por chegar. Vê além do que está estabelecido como “natural”, então, questiona. *O Sobrado* determina o fim do arco cavalheiresco da trama, dando início a um momento urbano, de transições sociais e políticas. Santa Fé, a estância que virou povoado, que depois se tornou vila, agora é uma cidade. E esta transformação se mostra através do surgimento do comércio, da ascensão social dos imigrantes, da complexidade política. Contudo, não evolui na mesma velocidade no que diz respeito às relações familiares, principalmente no que se relaciona às mulheres e ao seu papel na sociedade.

O campo de atuação das mulheres, portanto, situava-se dentro dos limites da própria casa e do quintal. Possuíam pouca ou nenhuma escolaridade e, eventualmente, saíam de casa para visitar alguma comadre ou ir à missa. A principal função das mulheres era cuidar do marido e criar os filhos para depois vê-los partirem para a guerra, na esperança de que voltassem um dia. Não havia na Província mulher que durante sua vida não tivesse esperado pelo fim de uma guerra para rever o pai, os irmãos, o marido ou os filhos, e não raro, esse reencontro jamais se concretizava. (BALZAN, 2017, p. 62)

Mulheres não possuem papel político na administração de Santa Fé, apesar de já terem conquistado este espaço em cidades mais desenvolvidas industrial e socialmente. No lugar onde se desenvolve a trama, seguem posicionadas em uma condição doméstica servil, a mesma em que se encontravam quando a narrativa ainda trazia fatos do século XVIII, antes ainda de a cidade ser considerada um povoado. Maria Valéria aparece no texto como uma luz sobre essa sombria conjuntura estabelecida.

Esta pesquisa pretende identificar nas falas de Maria Valéria em *O Continente I* e *O Continente II* mais do que sua importância dentro da trama. Do ponto de vista linguístico-discursivo, Erico Verissimo encontrou nestas falas, publicadas originalmente em 1949, um canal para transmitir uma mensagem que até hoje representa uma resistência ao conservadorismo paternalista. Compreender como Verissimo desenvolveu Maria Valéria, suas técnicas e recursos de criação literária, pode oferecer subsídios para que outros escritores possam trabalhar a escrita criativa, desenvolvendo personagens com semelhante qualidade descritiva e narrativa. Entre tantas alcunhas que este

⁴ Alta Literatura é um termo editorial, não científico, para distinguir literaturas que não são apenas para entretenimento. A citação apresentada aqui tem por objetivo destacar a fala de Assis Brasil, que determina a importância de um texto literário através do desenvolvimento das personagens, primeiramente, e depois da trama estabelecida.

importante escritor da segunda fase modernista no Brasil recebeu, a de “contador de histórias” é a que mais encontramos em textos que o referenciam.

Por isso, compreendê-lo, principalmente seus instrumentos criativos, pode subsidiar tecnicamente novos escritores, além de facilitar a compreensão de sua obra. Visto isto, determina-se o seguinte problema: Como o autor constrói esta personagem do ponto de vista linguístico e literário? No contexto dessa problemática, o objetivo geral da presente pesquisa foi entender aspectos da construção da personagem Maria Valéria em *O Tempo e o Vento*, discutindo o papel da personagem no contexto da narrativa.

Na sequência deste artigo, apresenta-se a revisão da literatura, que traz autores cujas obras podem contribuir com as respostas à problemática citada; a metodologia, que apresenta como estes autores serão levados à análise; em seguida, a análise se dará em uma seção intitulada *Maria Valéria em O Sobrado*, em que os diálogos da personagem são estudados com auxílio da literatura de referência; finalmente, as considerações finais apresentam os resultados colhidos através da análise.

A construção de personagens

O livro *A Personagem*, de Beth Brait, introduz o estudo do processo de criação de personagens para literatura de ficção. Como fala a autora (BRAIT, 1985, p. 5), “dirige-se a um público que analisa, produz e transforma textos de ficção”. A própria autora delimita a obra como não sendo voltada a especialistas, mas candidatos a serem.

Assumindo uma postura até certo ponto didática e correndo todos os riscos fatais que essa postura pode acarretar, a obra procura adequar-se às necessidades dos leitores que não são especialistas, mas candidatos a, simulando o isolamento da questão personagem e flagrando esses habitantes da ficção no seu espaço de existência: o texto. Aqui, é preciso que se esclareça, a palavra textos cobre duas manifestações de natureza diferente: a *ficção literária*, a prosa de ficção que materializa esses seres, e o *texto crítico* que, com seus instrumentos específicos, persegue a natureza desses seres. (BRAIT, 1985, p. 5)

Desta forma, utilizando-se de uma linguagem de compreensão simples, *A Personagem* leva o leitor a compreender o entendimento da autora sobre o processo de criação de personagens, destacando o distanciamento que ela procura manter entre seres literários e pessoas reais. Brait (1985, p. 10) diz que “a personagem é um ser de papel”, mas também diz que “recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo”, pois “representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”. Assim, a autora traz importantes reflexões acerca da função da personagem no texto e de sua influência no desenvolvimento do discurso empregado. Para Brait a personagem é vista como um ser irreal, mas segue sendo avaliada mediante a comparação com o comportamento do ser humano. Maria Valéria, dentro do texto, traz características humanas que são apresentadas

através de recursos linguísticos, mas, do ponto de vista da análise, continua sendo um ente não real. Esta transição entre os espaços real e literário é fortemente discutida em *A Personagem*, como ilustrado no recorte:

Se o texto é o produto final dessa espécie de bruxaria, ele é o único dado concreto capaz de fornecer os elementos utilizados pelo escritor para dar consistência à sua criação e estimular as reações do leitor. Nesse sentido, é possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguístico-literária ou espelho do ser humano. (BRAIT, 1985, p. 53)

Luiz Antônio de Assis Brasil escreveu outra obra que serve como referência para o entendimento do processo criativo de seres literários. Em *Escrever Ficção: Um manual de criação literária*, fala sobre a importância da personagem para o desenvolvimento de uma história. Assis Brasil (2019, p. 21) nos diz que são os personagens “que transformam as histórias em alta literatura e, portanto, fazem com que essas obras permaneçam conosco durante muitos anos após a leitura”.

A narrativa deve convencer o leitor de um fato: tudo o que ali está é porque o personagem, pelo simples fato de existir, faz com que as coisas aconteçam. Não, o personagem não tem poderes mágicos ou de super-herói. No entanto, é como se atraísse os acontecimentos narrados. Ou seja, os eventos de uma história estão enraizados nele, inclusive os fatos incontroláveis, como um raio que destrói a uma casa ou a morte de um potentado na China... (ASSIS BRASIL, 2019, p. 23)

Para que esta ideia funcione, o autor preconiza que a consistência da história se baseia nas semelhanças que os personagens trazem de pessoas reais, principalmente suas falhas, medos e inseguranças. Maria Valéria, apesar de ser uma personagem forte e cujas ações perturbam o estabelecido como natural, não deixa de se mostrar extremamente humana ao questionar a si própria por várias passagens do romance de Erico Verissimo. Em determinado momento, ela faz a seguinte reflexão: “Não aguento mais. Acho que vou acabar louca, abrir a porta da rua e sair correndo e gritando...” (VERISSIMO, 1995, p. 472), sendo que em seguida declara: “Se ela que tem noventa anos pode aguentar tudo isto, eu também posso. E atira um olhar de desafio para a mulher cadavérica do fundo do espelho.” Assis Brasil (2019, p. 25) diz que “a questão prática é como dotar de humanidade nosso personagem”. Também destaca a importância de o ente literário possuir características únicas, que o destaque e o individualize. Para isto, diz que “o ficcionista deverá criar seu personagem de modo que se exponham as características que o tornam único” (ASSIS BRASIL, 2019, p. 27).

O autor Terry Eagleton, em seu livro *Como ler literatura*, diz que “uma das maneiras mais usuais de desconsiderar a ‘literalidade’ de uma peça ou de um romance é tratar seus personagens como se fossem pessoas de carne e osso” (2017, p. 38). O autor acredita que este distanciamento

é necessário pelo fato de que as personagens literárias não possuem, a exemplo dos seres humanos reais, uma história pregressa ou posterior à narrativa, nem fatos que compreendam os momentos em que elas não estão sendo relevantes à história sendo contada.

Esse distanciamento proposto por Eagleton permite analisar as personagens à luz da literatura e dos processos criativos, pois ressalta a importância de compreender que são entes ficcionais, sem uma pré-história que os defina ou uma pós-história que ofereça uma continuidade além do texto escrito.

Em 1992, a professora e escritora Lélia Almeida dissertou sobre as personagens femininas em *O Tempo e o Vento* para conclusão de seu curso de Mestrado na Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta dissertação, que em 1996 foi publicada como livro pela editora da universidade, é uma referência quando se trata do estudo de personagens femininas na obra máxima de Erico Veríssimo. A autora atualmente atua como pesquisadora de trabalhos de autoria feminina, coordenando grupos de estudos em Porto Alegre e Brasília. Lélia afirmou, em sua dissertação de 1992, que suspeitava “de haver um silêncio ao redor desta experiência, tipicamente feminina, mas que ao legitimar a função única da mulher dentro da cultura patriarcal, deveria estar mais exposta, mais festejada, melhor presenciada” (ALMEIDA, 1992, p. 8).

Em *A Sombra e a Chama – Uma interpretação da personagem feminina n’O Tempo e o Vento de Erico Veríssimo*, Lélia Almeida realiza um estudo deste universo feminino representado pelas personagens da obra que ficaram reconhecidas como as “matriarcas” da família Terra-Cambará.

As personagens em questão, em seus hábitos, comportamentos e costumes, constroem um modo de ser mulher, com normas, regras, leis, limites e códigos próprios, repassados de geração em geração como modelares, paradigmáticos, e, que, em si, vão delineando o que identificamos com este território do feminino. (ALMEIDA, 1992, p. 35)

A autora faz reflexões sobre estas personagens femininas tão singulares, culminando seu texto com um aprofundamento na personagem Maria Valéria. Esta personagem nunca foi mãe, contudo não teve nesse fato um obstáculo para que fosse reconhecida como a última matriarca da trama. Cumpre o mesmo e importante papel de outras que a antecederam em *O Tempo e o Vento*. No entanto, diferente das demais, ela perpassa a obra, já que a narrativa não possui linearidade temporal e encerra o texto como a última senhora do sobrado, a “Dinda”, a quem todos devem respeito, não apenas por ser a pessoa mais velha na casa, mas por ser quase onipresente, surgindo nas sombras com uma vela em uma das mãos, e com o conhecimento sobre tudo e sobre todos a quem o Sobrado abriga.

Maria Valéria detém um conhecimento sobre fatos que deveriam manter-se em segredo. Saber, conhecer, controlar. Ela precisa “saber” do que realmente acontece porque há uma ordem a ser preservada, há um código e valores que precisam ser mantidos, dentro de uma tradição: os meninos devem respeito e obediência ao pai e ao nome da família, não podem brigar na rua de qualquer jeito. Rodrigo pode até ter suas aventuras, conquanto que Flora não seja magoada e as ignore, e Floriano e Sílvia não podem encontrar-se a sós, pois Sílvia é, afinal, mulher de Jango, irmão de Floriano. Há uma ordem a ser mantida, estabelecida, e alguém tem de lembrar, constantemente, desta ordem, que traz em si um modo de ser, de atuar, uma conduta, um modo de viver do qual Maria Valéria não abre mão, até o fim, guardiã da vida familiar e do que ela pensa ser sua harmonia. (ALMEIDA, 1992, p. 117)

Ter uma personagem de ficção que traz uma verossimilhança tão grande com características humanas, faz com que ela ultrapasse a importância dentro do romance e conduza o leitor por meio de suas vivências pessoais. Maria Valéria, então, aproxima-se daquele que lê o texto, pois, assim como ele, apresenta inseguranças e fragilidades. Antonio Candido, em “A Personagem de Ficção”, diz que não devemos nos espantar pelo fato de que “a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor” (1968, p. 52). Candido também fala que “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (1968, p. 52).

Estas definições de Antonio Candido nos fazem olhar com atenção às falas de Maria Valéria, pois compreendemos que ela está cumprindo um papel extremamente importante dentro da trama, mesmo não sendo a protagonista. Ela, ao questionar ordens de um “coronel”, está estabelecendo uma relação de contrariedade com aquilo que pode não ser considerado justo, criando uma empatia imediata com o leitor. Assim como Candido afirma que “podemos dizer que a personagem é mais lógica, embora não menos simples, do que o ser vivo” (1968, p. 56), Erico Verissimo demonstrava entender qual lógica deveria usar ao desenvolver a personagem, e o quão complexo pode ser o leitor que a está interpretando.

A personagem Maria Valéria

Como *O Tempo e o Vento* não segue uma narração linear do ponto de vista temporal, a personagem aparece pela primeira vez já com 35 anos, durante o cerco ao sobrado, em 1895. Cronologicamente, Maria Valéria aparece aos nove anos, em *O Continente II*, durante o capítulo *A Guerra*, no momento do retorno de seu pai, Florêncio Terra, da Guerra do Paraguai. Florêncio faz uma primeira descrição física da personagem, dizendo que é “magra e alta demais para seus nove anos” (VERISSIMO, 1997, p. 480). Maria Valéria perpassa toda a obra, em seus três romances,

seus sete tomos. Aparece em *O Sobrado*, primeiro capítulo, do primeiro tomo e no último capítulo de *O Arquipélago III*, chamado de *A Encruzilhada*.

A personagem se torna a matriarca da família no momento em que aparece como a mulher mais velha do clã Terra-Cambará. A “Dinda”, como é chamada por Doutor Rodrigo Cambará, protagonista da última parte do romance, filho do Coronel Licurgo. Ela, mesmo com suas características destoantes, torna-se a responsável por manter o código moral familiar, preservado até então por suas antecessoras Ana Terra, Alice Silva e Bibiana Terra. Maria Valéria é a delimitação do que pode e o que deve ser feito. Limites estes muitas vezes quebrados pelos homens da família, que, querendo ou não, prestam contas a ela, mesmo que apenas moralmente.

Floriano Cambará, no final do romance, acredita que Maria Valéria é a “consciência viva de todos nós” (VERISSIMO, 1997, p. 19), e assim a descreve em uma de suas últimas passagens de *O Tempo e o Vento*:

Quando a velha Maria Valéria anda pela casa nas suas rondas noturnas, com uma vela acesa na mão, vejo nela um farol. Estou certo de que a luz dessa vela me poderá alumiar alguns dos caminhos que ficaram para trás no tempo. Vaqueana dos campos e veredas do passado da família, a Dinda talvez seja a única pessoa capaz de me fornecer o mapa dessa terra para mim incógnita. Ela própria é uma arca atulhada dum tesouro de vivências e memórias. Mas arca fechada e enterrada. Resigno-me portanto à ideia de, à custa de estratagemas verbais, ir arrancando suas moedas, uma por uma. D. Maria Valéria nunca foi mulher de muitas palavras. Para ela o passado é uma sepultura; remexer nele seria sacrilégio. Devemos deixar os mortos em paz, para que eles façam o mesmo conosco. (VERISSIMO, 1997, p. 747)

Maria Valéria, então, é apresentada por Erico Verissimo como um ser que está além do tempo, pois não a vemos nascer ou morrer na obra. Quando o texto inicia, Valéria já estava lá; ao final do romance ela permanece. Ela também está além do espaço, visto que em tantas vezes sua presença é mencionada como um vulto, uma sombra que chega sem avisar (ALMEIDA, 1992).

Metodologia

A base para o desenvolvimento da pesquisa neste trabalho encontra-se nos dois tomos que compreendem *O Continente*, primeira parte de três de *O Tempo e o Vento*. Estes dois livros que dão início à saga da família Terra-Cambará concentram as atenções nas passagens que narram os acontecimentos durante o sítio que manteve a família presa no sobrado, em função do embate político que teve como consequência a Revolução Federalista, violento conflito armado que durou de 1893 a 1895, no Rio Grande do Sul. Nas passagens em questão, Maria Valéria se encontra confinada no sobrado junto do seu cunhado, o Coronel Licurgo Cambará, de sua família e dos demais correligionários republicanos, protegendo-se do cerco e dos ataques feitos pelos

federalistas. Durante este período, que perpassa as publicações *O Continente I* e *O Continente II*, a personagem desenvolve diversos diálogos com o Coronel Licurgo. São estes diálogos que instigaram a análise da construção desta personagem singular dentro da trama.

Para tentar entender de que maneira Erico Verissimo conseguiu construir uma personagem tão forte, com uma personalidade que busca incansavelmente a verossimilhança com a humanidade, incluindo-se aí o fato de o texto ter sido redigido ainda no início do século XX, este trabalho pretende analisar as falas de Maria Valéria durante o episódio *O Sobrado*, à luz da percepção acerca da construção de personagens por autores como Terry Eagleton, Beth Brait, Lélia Almeida, Antonio Candido e Luiz Antônio de Assis Brasil, e sua teoria acerca do processo criativo de seres literários.

Na metodologia de trabalho escolhida para desenvolver esta pesquisa, determinou-se acompanhar cronologicamente e analisar essas falas, do início do livro *O Continente I* ao final de *O Continente II*, usando a bibliografia pesquisada como referencial. A primeira passagem, cujo capítulo está intitulado como *O Sobrado I*, trata do início de uma verdadeira guerra de ideias entre as personagens Maria Valéria e Licurgo Cambará, autoridade política e “chefe” da família. Estes diálogos se dão até o último capítulo de *O Continente II*, intitulado *O Sobrado VII*.

Há uma perceptível transformação nestes personagens durante a narrativa, fruto dos diálogos que mantêm um com o outro. Licurgo, por exemplo, no início de *O Continente I*, diz que “um homem bem macho não chora nunca, haja o que houver. Choro é coisa de mulher.” (1995, p. 12); no final de *O Continente II*, o narrador relata que “mau grado seu, lágrimas começam a escorrer-lhe pelas faces e, furioso por estar fraquejando...” (1995, p. 665). Maria Valéria contribuiu de forma significativa nas transformações pelas quais passou o protagonista Licurgo Cambará, tornando crível esta transição.

O estudo do referencial citado e a definição dos recortes e procedimentos para analisar a obra, acima descritos, têm como objetivo entender aspectos da construção de personagem na literatura de ficção dos pontos de vista linguístico e literário. Na próxima seção, serão analisados e discutidos fragmentos da obra visando a compreender os recursos linguístico-discursivos (tipos de verbos, tempos verbais, tipos de discurso, pontuação, elementos imagéticos) utilizados na criação da personagem Maria Valéria em *O Tempo e o Vento* e discutir o papel da personagem no contexto da narrativa.

Maria Valéria em “O Sobrado”

O Tempo e o Vento não desenvolve sua narrativa mediante uma passagem linear do tempo. Erico Verissimo desenvolve os acontecimentos alternando entre *flashbacks* e capítulos inteiros que seguem linearidade. No entanto, esta capacidade de alternar entre passado e presente, que o autor traz, é um dos grandes méritos da obra, pois faz com que o leitor esteja sempre buscando os caminhos percorridos pelas personagens, que talvez sejam mais interessantes que seus destinos. Destinos estes que já estão traçados e são perceptíveis desde o início das narrativas, pois o texto se utiliza, com frequência, de dados históricos para costurar os acontecimentos ficcionais.

Desta forma, a obra tem sua narrativa iniciada em 25 de junho de 1895, no capítulo denominado *O Sobrado I*. Nesse momento, a personagem Maria Valéria Terra tem 35 anos e, inicialmente, ainda não havia sido apresentada ao leitor, que acaba conhecendo suas características durante o desenvolvimento da trama, principalmente nos diálogos que mantém com Licurgo Cambará, que além de ser seu primo em segundo grau, é seu cunhado e chefe político da cidade de Santa Fé. Mais adiante na obra, seguindo esta lógica não linear, outras passagens trarão Maria Valéria mais jovem, tratando um pouco de sua infância e de sua juventude.

O fato de estarem sitiados no casarão dos Cambarás em *O Sobrado* faz com que tenhamos, logo no início do texto, um embate muito incisivo entre Licurgo e Maria Valéria. O Coronel, com sua postura autoritária e intransigente, representando toda uma série de determinações patriarcais e machistas, comuns à época, em sua fala delimita os papéis de homens e mulheres na sociedade de forma fixa e muito definida, segmentando as responsabilidades e fazeres. No entanto, é na fala da prima que se percebe o quanto o autor estava disposto a trazer um novo olhar a esta narrativa. A personagem não atende as expectativas de Licurgo, contrariando-o, questionando seu papel de líder, obrigando-o a tomar uma postura defensiva, conforme vemos no fragmento:

Licurgo fecha-se num silêncio soturno. A cunhada prossegue:

- O senhor sabe que eles são tão bons e tão valentes como os republicanos. É a mesma gente, só que com ideias diferentes.

- Que é que a senhora entende de ideias? - vocifera Licurgo.

Maria Valéria continua imóvel.

- Não é preciso gritar. O senhor faz todo esse barulho porque no fundo sabe que não está procedendo direito.

Licurgo tira a palha da boca e amassa-a entre os dedos.

- Isto não é negócio de mulher. É de macho.

Maria Valéria abrandava um pouco a voz:

- Deus fez o mundo errado. Eu queria que os homens tivessem filho pelo menos uma vez na vida, só pra verem como não é fácil.

Ele tem vontade de gritar: “Que é que uma solteirona entende de ter filhos?” Mas permanece calado.

- Ter filhos é que é negócio de mulher, eu sei – continua Maria Valéria. – Criar filhos é negócio de mulher. Cuidar da casa é negócio de mulher. Sofrer calada é negócio de mulher. Pois fique sabendo que esta revolução também é negócio de mulher. Nós também estamos defendendo o Sobrado. Alguma de nós já se queixou? Alguma já lhe disse que passa o dia com dor no estômago, com quem comeu pedra, e pedra salgada? Alguma já lhe pediu pra entregar o Sobrado? Não. Não pediu. Elas também estão na guerra.

Licurgo fez um gesto de impaciência.

- Está bem, prima. Está bem. Mas tudo é uma questão de dias ou de horas. Os federalistas estão perdidos. Amanhã a cidade pode amanhecer livre.

- E a Alice pode amanhecer morta. Ela ou o filho. Ou os dois. (VERISSIMO, 1995, p. 11)

Eagleton nos diz que “não existe desvio sem norma” (2017, p. 42). Logo na primeira fala, Maria Valéria já faz valer esta máxima ao desafiar Licurgo dizendo a ele, o Coronel, que não estaria procedendo direito. A norma, citada por Eagleton, acompanha a fala do Coronel, que não se furta em dizer que aquilo se tratava de “negócio de macho”. Erico Verissimo usa a aberração, a quebra da normalidade, porque é o mais interessante para que um novo caminho fosse apresentado à narrativa. “A patifaria é mais atraente do que a respeitabilidade”, diz Eagleton (2017, p. 42), e o autor de *O Tempo e o Vento* usa esse conceito com muita força neste capítulo de sua obra. Por isso a personagem atrai o leitor, pois ela está justamente exercendo um papel de contrariedade com relação àquilo que é considerado o padrão; ela é destoante, dando sentido à palavra “patifaria”, que Eagleton usa em sua fala.

É para isso que Maria Valéria está ali? Atendendo apenas ao interesse do escritor em fornecer uma personagem com características tão diversas capazes de despertar mais o interesse do leitor? Beth Brait, em *A Personagem*, fala que “tanto o conceito de personagem quanto a sua função no discurso estão diretamente vinculados não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer” (1985, p. 28). E o fato de ser uma personagem idiossincrática em sua essência coloca Maria Valéria justamente em uma posição de destaque. E mesmo tendo características tão particulares, o autor não se detém fazendo grandes considerações sobre sua personalidade, evitando soterrá-la sob uma

montanha de generalidades (EAGLETON, 2017, p. 46). A narrativa, em que predomina a utilização do discurso direto⁵, encarrega-se disso.

Maria Valéria surge da sombra da sala de jantar e entra na zona luminescente criada pelo reflexo do fogo.

- Não toca nada – diz ela, brusca, tomando o balde. - A criança vai nascer esta madrugada e eu preciso de muita água quente.

Despeja a água num tacho, que coloca sobre a chapa do fogão. Sem olhar para os homens - que lhe observam os movimentos em respeitoso silêncio - ela diz:

- Chupem laranjas. (VERISSIMO, 1995, p. 15)

A presença do discurso direto, em que podemos “ouvir a voz da personagem”, é uma técnica constante utilizada na construção de suas falas. Os verbos de dizer, também conhecidos como do tipo “dicendi”, comuns nesse tipo de discurso, são compreendidos como “verbos de elocução”, “são verbos de ação cujo complemento direto é o conteúdo do que se diz (MOURA NEVES, 2000, p. 48). Tais verbos podem ser considerados recursos linguístico-discursivos que colocam o leitor na companhia das personagens, como se pudesse estar olhando ora para um, ora para o outro, percebendo quando as falas compreendem um diálogo tranquilo, áspero ou, mesmo, violento. Erico Verissimo parece, desta forma, deixar-nos sempre à presença de Maria Valéria, tendo nela uma companhia constante.

Percebemos, então, que a utilização do discurso direto, a não utilização de grandes espaços no texto dedicados à descrição da personalidade da personagem e o fato de ter características únicas dentro da trama fazem com que Maria Valéria seja percebida dentro de uma concepção realista de construção. Ela aparece completa, complexa e verossímil, características preconizadas por Eagleton (2017, p. 53) para personagens de tradição realista. Poderíamos encontrá-la na fila do supermercado, discursando em uma tribuna política ou compartilhando um mesmo espaço acadêmico. Não é um estereótipo, apesar de uma personalidade aparentemente fixa, pois revela inseguranças e anseios comuns às pessoas reais.

No entanto, o discurso direto não é o único utilizado pelo autor para nos trazer as falas de Maria Valéria. Interessante perceber que no fragmento abaixo o autor também faz uso do discurso

⁵ No *discurso direto* a personagem é chamada a apresentar suas próprias palavras (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 636). No texto citado, a oração “Não toca nada”, seguida do verbo *dizer* flexionado, representa literalmente o que a personagem estaria falando.

indireto⁶. Ele vai alternando entre os dois formatos, oferecendo uma dinâmica que não dá apenas agilidade à leitura, mas leva o leitor a lugares e percepções diferentes.

Ela sobe a escada devagarinho, uma das mãos segurando o castiçal, a outra agarrada ao corrimão. Tirar a sorte? Bobagem. Pra quê? Pra ver com quem vais casar. Atira esta casca de laranja pra trás... Assim. Vamos ver a letra que a casca formou. Um L. Ah! Eu bem desconfiava. Que nome começa por um L? Licurgo... Licurgo não vai casar com a irmã dela, a Alice? Claro. Mas a Maria Valéria também gosta dele. Licurgo escolheu a outra. Coisas da vida... sorte é bobagem. Licurgo. Sorte é bobagem. Alice casou. Maria Valéria vai ficar solteirona o resto da vida. L... Licurgo.

Maria Valéria chega ao patamar, fica um instante ali parada, sentindo as faces escaldantes.

Só o pensar nessas coisas me dá uma vergonha... Decerto estou vermelha. Melhor é ir ver os meninos... (VERISSIMO, 1995, p. 16; ênfases nossas)

Ao abordar a utilização de tipos de discurso direto e indireto e a forma com que seu emprego influencia nos movimentos da personagem Maria Valéria na trama, percebe-se a importância do papel do narrador na mobilização de recursos linguístico-discursivo, haja vista o fato de que o narrador é o responsável por anunciar as falas das personagens no discurso direto, ou de citá-las no discurso indireto. No fragmento acima, os discursos direto e indireto se confundem de maneira pouco comum. Erico Verissimo, ao fazer isto, traz a personagem para dentro da fala do narrador, conectando suas vozes de modo a provocar no leitor dúvida sobre quem está falando ou pensando. Essa capacidade de onisciência do narrador, inclusive, amplia a sensação de transcendentalidade da personagem, que já é vista em muitos momentos capaz de se deslocar pelo espaço e pelo tempo de uma maneira diferente das demais. Desta forma, Maria Valéria se torna, além de personagem, uma narradora poderosa, capaz não apenas de observar e relatar os acontecimentos, como também participar deles, seja por meio de relatos, seja por meio de lembranças. No fragmento citado, o narrador “vê” Maria Valéria subir as escadas devagarinho; em seguida, a narração se torna uma sequência de lembranças da juventude da personagem, com emprego de reticências entre as frases, que aumenta a sensação de fragmentação do pensamento; finalmente, o narrador é a própria Maria Valéria, quando declara que estes pensamentos lhe dão vergonha (trecho em destaque no excerto). Segundo Marques (2008, p. 3), Maria Valéria é “a

⁶ No *discurso indireto*, o narrador incorpora a fala da personagem ao seu próprio falar. Quando a fala da personagem está apenas diluída na fala do narrador, chamamos apenas de discurso indireto. No entanto, quando na fala do narrador percebe-se a fala da personagem de forma literal, mas sem a presença de um verbo do tipo “dicendi”, dizemos se tratar de **discurso indireto livre**. (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 641)

narradora de fato”, inclusive dando subsídios ao escritor Floriano Cambará para a composição de seu próximo romance, através do conhecimento da família e das experiências pelas quais passou.

Maria Valéria Terra, contudo, só tem sentido como personagem verossímil e crível porque está inserida em um contexto em que há presença de um antagonista de fala tão poderosa e incisiva quanto a sua. Este contraponto estabelecido no texto gera uma ação que, conforme a análise aristotélica⁷ citada por Eagleton em seu livro *Como Ler Literatura*, dá sentido à existência da personagem na trama. Se o que faz uma personagem viva é justamente a possibilidade de vislumbrar uma vida interior, para Aristóteles isso é apenas um instrumento da ação. Segundo Eagleton, “só temos vida interior porque fazemos parte de uma linguagem e de uma cultura” (2017, p. 49). Por isso a necessária presença de um conjunto artístico complexo (2017, p. 50) para o qual a personagem configure um elemento que seja parte integrante deste conjunto. Se arrancarmos Maria Valéria do seu contexto, não teríamos condições de fazer uma análise que abarcasse toda complexidade que oferece.

À porta do quarto de Alice, Laurinda vem apanhar a chaleira d’água quente que Maria Valéria acaba de trazer.

- Agora vassuncê espera aí fora – diz a mulata.

- Não seja boba! Quero ajudar também.

- Mas vassuncê é uma moça solteira!

- Você também é!

Sem dizer mais nada Maria Valéria entra no quarto, resoluta, e fecha a porta. (VERISSIMO, 1995, p. 68)

No fragmento, o diálogo entre Maria Valéria e outra personagem, Laurinda⁸, ajuda a compreender o quanto este conjunto que a cerca complementa a compreensão da expressão “vida interior”, citada por Eagleton. Existe uma tradição a ser seguida, impondo que mulheres solteiras (sem vida sexual pregressa) não possam ajudar em um parto. Laurinda, fazendo este alerta, permite que Valéria exponha sua opinião, afirmando que não vai atender à tradição cultural, porque

⁷ Segundo Eagleton (2017, p. 48), *Poética*, de Aristóteles, é uma das primeiras obras de crítica literária publicadas. Nela, o autor promove a discussão sobre a tragédia, desconsiderando a análise das personagens, focando basicamente na trama.

⁸ Laurinda é uma personagem que pouco aparece em *O Tempo e o Vento*. Ex-escrava, “a mulata”, como se refere o autor, é uma das empregadas do sobrado. Ganhou alforria junto com os demais escravos mantidos pela família em 1884, quatro anos antes da Abolição da Escravatura, por iniciativa do Coronel Licurgo Cambará, republicano e abolicionista fanático. Vai servir à família durante anos. O texto da obra não deixa claro se ao final da narrativa ela permanece viva ou não.

internamente acredita que é mais importante estar presente no parto que cumprir uma regra social. O uso do adjetivo *resoluta* amplia o sentimento de que Maria Valéria está decidida a fazer uma ação, independente das regras que a delimitam. A determinação de Laurinda e a resolução de Maria Valéria, unidas, correspondem à ação que levará ao parto de Alice Cambará. Isoladas, estas ações não preencheriam a dramaticidade e a gravidade do momento da narrativa. É o que diz a análise aristotélica, segundo Eagleton:

O que interessa a Aristóteles é, acima de tudo, a trama ou a ação dramática. Os personagens individuais, na verdade, são meros “suportes auxiliares”. Não existem por si, mas apenas pela ação, o que Aristóteles entende como assunto coletivo.” (EAGLETON, 2017, p. 48)

Por que Maria Valéria, então?

Trazendo a personagem para o contexto mais amplo da narrativa, traçando paralelos com o contemporâneo, suas ações e relações constituem importante instrumento de reflexão. E aí podemos voltar à análise aristotélica, pois segundo Brait (1985, p. 29), “Aristóteles estava preocupado não só com aquilo que é ‘imitado’ ou ‘refletido’ num poema, mas também com a própria maneira de ser do poema e com os meios utilizados pelo poeta para a elaboração de sua obra”. Ela também afirma (1985, p. 29) que, segundo Aristóteles, a personagem pode aparecer como reflexo da pessoa humana e como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto. Ora, Maria Valéria indubitavelmente é um reflexo da pessoa humana, mas sua construção está ligada às reflexões que são consequências diretas dos diálogos com Licurgo Cambará.

Se “o enredo existe através das personagens” e se a personagem “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência, etc.” (CANDIDO, 1968, p. 51), então a construção da personagem reflete diretamente na construção da narrativa.

Antonio Candido, em *A Personagem de Ficção* (1968, p. 52), fala no paradoxo que é uma personagem constituir ficção e ainda assim “ser” alguma coisa. É justamente esta capacidade de transformar uma criatura ficcional, construída no papel através da imaginação de um autor, que faz tão fascinante o trabalho de construção de *personas* de ficção. Candido diz que “não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da *verdade* da personagem por parte do leitor” (1968, p. 52); também ressalta, no mesmo texto, que “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação

entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.”
(1968, p. 52)

- É melhor a senhora ir calando a boca. Como chefe político tenho deveres que uma mulher não pode compreender.

Maria Valéria está pálida e seus lábios tremem um pouco quando ela diz:

- De política eu não entendo nem quero entender. Só sei que minha irmã está doente e precisa dum doutor e de remédio. Só isso é que sei.

- Mas a Alice não está em perigo de vida.

- Está com febre alta e ninguém sabe o que pode acontecer.

Curgo faz um gesto de impaciência, ergue-se, dá algumas passadas na sala, para junto da mesinha, olha por um instante para a caixeta onde está o corpo da filha e depois, mais calmo, quase conciliador, diz:

- Tenho a mais absoluta certeza que amanhã o mais tardar os republicanos chegam e a cidade fica livre desses maragatos.

Maria Valéria fita em Curgo os olhos graúdos, quase exorbitados:

- Podemos então fazer três enterros ao mesmo tempo – diz ela. – O da criança, o do Tinoco e o da Alice.

Curgo cresce para a cunhada, como se a quisesse esbofetear.

- Cala essa boca, sua... (VERISSIMO, 1995, p. 163)

O Tempo e o Vento foi publicado originalmente em 1949. Contudo, Maria Valéria poderia ser inserida facilmente em um contexto mais atual. Ela representa a mulher que busca emancipação das regras machistas e paternalistas. Renunciou à maternidade, luta pela saúde da irmã, das crianças; optou pela castidade em uma época em que muitas meninas eram obrigadas a se casar, pois esta seria a única perspectiva de futuro, lembrando que em 1895 não havia escolas para meninas no Brasil, senão aquelas que ensinavam práticas domésticas (FERNANDES, 2021). *Dinda*, como a personagem fica conhecida ao final da trama, se opõe à guerra porque para os homens os ideais que levam a ela são mais importantes que as pessoas que sofrem com ela. No texto, Maria Valéria é apresentada sempre como a antítese do ideário feminino da época: não é bonita, submissa ou subserviente; é teimosa e, principalmente, questionadora. Em uma época em que apenas os homens podiam questionar, e mesmo assim dentro de uma lógica hierárquica rígida: nenhum outro homem na casa questionava as ordens do Coronel Licurgo Cambará. Ela não apenas questiona, como é muito incisiva em seus posicionamentos e consciente das possíveis consequências.

Licurgo Cambará é o macho representado. Não transige em seus posicionamentos, não aceita ter sua autoridade questionada. E não a tem. Acredita que o mundo está dividido em atribuições muito definidas, onde o papel de homens e mulheres são delimitados e não podem ser

reconfigurados sob hipótese alguma. Acredita na sua responsabilidade como provedor econômico, moral e político, trazendo na defesa da honra seu grande código pessoal, do qual não pode abrir mão, sob pena de ser diminuído como homem, como ser humano. Entende a guerra como uma necessidade e a morte, nesse contexto, como uma consequência natural e aceitável.

- Já lhe disse que não peço favor a maragato.
- Prefere então deixar aquele coitado apodrecendo aos poucos lá na despensa?
- Não prefiro coisa nenhuma. Guerra é guerra. (VERISSIMO, 1995, p. 162)

Para marcar a posição subversiva e questionadora de Maria Valéria, Erico Verissimo utiliza na construção da personagem um recurso interessante. É a única personagem de *O Sobrado* que fala com o Coronel Licurgo utilizando verbos no modo imperativo. Vemos “Peça trégua.” (1995, p. 12), “Vá para cima e se deite.” (1995, p. 161), “Bote uma bandeira branca na frente da casa” (1995, p. 162), “Ouça o que lhe digo” (1995, p. 162), “Bote bandeira branca na sacada e peça trégua” (1997, p. 663). Este recurso marca a posição da personagem em uma condição de não aceitar as regras estabelecidas que delimitam o papel da mulher na época, segundo Almeida (1992, p. 49), “a submissão ao marido, o cumprimento das inacabáveis tarefas domésticas, a maternidade, a criação dos filhos.”

No entanto, trazer humanidade para a personagem Maria Valéria não foi suficiente para que ela cumprisse um papel tão importante na obra *O Tempo e o Vento*. Ela precisava estar além do tempo e do espaço para poder transitar pelo texto durante tanto tempo cumprindo o papel tão importante, que era servir de guia para as demais personagens e, muitas vezes, para o leitor. Deste modo, Maria Valéria ganha um aspecto quase sobrenatural, aproximando-a do símbolo que representa. Frequentemente, então, surge como um espectro sem ser percebida. Os verbos que o autor mais utiliza para inseri-la são “surgiu” ou “apareceu”. Sua caracterização é envolta em características comuns aos textos que trazem mistérios ou elementos sobrenaturais. Podemos vê-la entrar em cena como sombra, vulto, espectro.

Sombra de um feminino estereotipado, espectro do que a cultura patriarcal solicita e exige do mundo e do conjunto de vozes das mulheres. Maria Valéria quebra com o sentido desta lógica de como o feminino deve ser, do como deve constituir-se um modo feminino de ser. É a sombra, o avesso, o reverso. Onde estão escondidos os desejos e anseios, um jeito próprio de ser. E é neste espaço, desta sombra, que Maria Valéria, a virgem solteirona, é feia, desajeitada, engraçada, sábia, afetiva, “gauche”. (ALMEIDA, p. 113)

Quase sempre se revela a partir de lugares escuros, penumbras, portando nas mãos um toco de vela, como nas passagens que seguem, por exemplo: “Licurgo volta-se e, na penumbra do patamar, distingue o vulto da cunhada.” (1995, p. 10); “Maria Valéria surge da sombra da sala de jantar e entra na zona luminescente criada pelo reflexo do fogo.” (1995, p. 15); “Emoldurada pela porta, com uma das mãos no trinco e a outra a segurar o castiçal com uma vela acesa, a figura da tia Maria Valéria se desenhava contra o fundo escuro do corretor.” (1997, p. 58); “No patamar da escada, no andar superior, apareceu-lhe o vulto de Maria Valéria, com uma vela acesa na mão.” (1997, p. 227); “Um vulto entra no quarto. Maria Valéria, toda de preto. Maria Valéria com chinelos de feltro, caminhando sem ruído.” (1997, p. 200); “Parecia um espectro.” (1995, p. 419); “Rodrigo notou que agora Maria Valéria aparecia como uma assombração à porta que dava para o vestibulo, lançava um olhar intrigado para o visitante e depois sumia.” (1997, p. 426); “Sentiu, mais que viu, outra presença no corredor. Maria Valéria aproximava-se sem ruído, como uma sombra.” (1997, p. 955); “Quando chegou ao primeiro patamar, divisou no segundo o vulto de Maria Valéria, que tinha na mão o castiçal com uma vela acesa.” (1997, p. 992).

Maria Valéria, segundo Erico Verissimo, aparece como uma sombra, um vulto. No entanto, ao surgir misteriosamente, materializa-se. É como se ela pudesse escolher o lugar onde gostaria de estar, para fazer com que sua presença, de névoa imaterial à força humana, feminina e sólida, diferente das demais personagens mulheres de *O Tempo e o Vento*, não está onde a determinam, mas onde precisa e gostaria de estar, para fazer impor a sua presença e a sua palavra. Esta insistência em trazê-la sempre em um ar de mistério, como se ela estivesse presente em todos os lugares, nos momentos mais obscuros, portando sua vela, reflete na personagem algo como aquela que é capaz de trazer a luz à escuridão.

O fato de não carregar as características de mãe, esposa ou amante reforça ainda mais as propriedades sobrenaturais, como de um anjo que não apenas observa, mas é capaz de iluminar com uma palavra, um gesto. E é justamente o fato de não ser descrita com a feminilidade estereotipada, comportamental ou fisicamente, o que permite Maria Valéria romper com os paradigmas representativos das mulheres em sua época.

Nada temos até aqui, portanto, que nos descreva Maria Valéria como uma figura dócil, bondosa, afável ou carinhosa dentro dos atributos e qualificativos do estereótipo de um modo feminino de ser, onde a candura e a meiguice são a tônica, o bom tom. Maria Valéria é dura, áspera, seca, portanto, muito pouco feminina. (ALMEIDA, 1992, p. 110)

É a personagem mais longeva da saga, retratada no texto, inicialmente, aos trinta e cinco anos, mas com passagens que narram brevemente a menina Maria Valéria aos nove anos, quando o pai volta da guerra, e encerrando o romance aos oitenta e cinco anos, viva e representando a última grande figura feminina da história. A última matriarca da família Terra-Cambará não morre, é o romance que finda. E ainda assim, no final do texto, é a referência moral para personagens como Floriano Cambará, escritor e intelectual, que ainda vê na presença da Dinda um ser capaz de determinar o certo e o errado. Alguém por quem se deve ter respeito.

Ainda sobre a vela que corriqueiramente carrega, podemos ver a representação mística da lenda do Negrinho do Pastoreio, para quem, até nos dias atuais, acende-se velas para encontrar algo perdido. Também a imagem do farol, aquele que guia, que aponta os caminhos seguros ou que permite se desviar dos obstáculos. Maria Valéria é aquela que porta a luz, cujos elementos naturais TEMPO e VENTO, não são capazes de apagar, visto que ela cruzou todas as intempéries e chegou viva ao final do romance.

Considerações finais

Desde o início deste estudo, a personagem Maria Valéria Terra é citada como um ser singular dentro da trama. E este, talvez, tenha sido o maior desafio do autor, quando na sua concepção. Ela está inserida em um contexto histórico com padrões sociais e culturais tipicamente patriarcais, cujos paradigmas está destinada a romper. Desde sua aparição mais jovem na trama, com nove anos, o autor trata de apresentá-la com características que se distinguem daquilo que seria considerado a norma em sua época. Seu pai, Florêncio Terra, ao retornar da Guerra do Paraguai, a avalia “magra e alta demais para seus nove anos” (VERISSIMO, 1995, p. 480). Seria o sinal de que ali teríamos um desacordo com aquilo que se esperava de alguém naquele contexto social e histórico. Terry Eagleton, em seu livro *Como Ler Literatura*, afirma que, para que haja um desvio, há necessidade de haver uma norma (2017, p. 42). Na construção da personagem Maria Valéria, em *O Tempo e o Vento*, a temos como um desvio para uma norma que poderia muito bem ser representada pelo Coronel Licurgo Cambará, chefe político e da família, representante típico do conservadorismo patriarcal.

Os recursos linguístico-discursivos utilizados pelo autor para construir a personagem pesquisada, como demonstrado na análise, são aqueles necessários para conferir humanidade a ela, sem deixar de dar condições para que cumpra seus objetivos na trama, que são contrapor a objetificação sexista da mulher no século XIX, servir como antagonista para o Coronel Licurgo

Cambará através de diálogos e ser a referência matriarcal que conduzirá os episódios finais da narrativa. Para tanto, o autor destaca repetidamente que a personagem não está enquadrada na estética padrão. Ela não corresponde às curvas e à meiguice que caracterizavam as personagens femininas cuja função no texto, muitas vezes, era apenas despertar o interesse masculino e garantir a manutenção do domínio patriarcal social e político.

Esta Maria Valéria, cujas características discursivas destacam uma conduta tão distinta, é a que nos conduz até o final da obra. Tem na teimosia uma marca característica fundamental, que se contrapõe aos atributos necessários para uma mulher a quem os homens da época buscavam ao procurar um par: submissão, subserviência, docilidade, obediência. O estereótipo típico das jovens casadoiras passa longe da percepção que temos da personagem. Segundo Almeida (1992, p. 84), “tais detalhes são relevantes, porque nos assinalam desde o início, a figura de Maria Valéria como deslocada de um território feminino típico e de um estereótipo de feminilidade em voga em diferentes épocas do texto”. Soma-se aí a capacidade de se impor, mesmo diante de uma representação da autoridade, que se dá através do uso de verbos no modo imperativo ao se expressar. Prefere sempre deixar claro aquilo que deseja, o que muitas vezes soa como um desafio a esta autoridade.

Finalmente, o recurso narrativo que atribui à personagem Maria Valéria características que, muitas vezes, dão a ela aspectos que vão além da humanidade. A onipresença, o fato de surgir, como o autor frequentemente descreve, “nas sombras”, quase sempre portando uma vela, como um símbolo de luz, um farol guiando a todos na escuridão. Esta presença quase sobrenatural, na verdade, confere à personagem atributos ainda mais humanos, pois é capaz de aproximá-la de outras personagens, sendo uma constante referência para a família Terra-Cambará.

O papel da personagem Maria Valéria Terra é fundamental para o desenvolvimento da trama. Ela humaniza as ações e decisões do Coronel Licurgo Cambará, que representa os aspectos conservadores, patriarcais e machistas presentes nas relações familiares do final do século XIX no Rio Grande do Sul. A personagem antecipa a necessidade de revisar conceitos, hábitos e aspectos culturais. Ela está além do seu tempo, com uma personalidade questionadora e capaz de confrontar aquilo que está estabelecido como norma. Talvez, por isso, a personagem permaneça durante toda a saga. Está presente em todos os livros que compõem a obra. Ela inicia *O Tempo e o Vento* e, aos 85 anos, está presente em sua conclusão, com sua vela na mão, surgindo das sombras. É a matriarca que não foi mãe, a luz que é guia e, em sua longevidade, um símbolo de resistência.

Erico Verissimo conseguiu perceber a importância de posicionar-se nesse sentido e, através da personagem Maria Valéria, deu voz à uma masculinidade feminista, permitindo-se falar através dela. É a visão masculina, de um homem branco e com os privilégios dos quais já dispunha em função de, naquele momento, ocupar uma posição profissional e social que o destacava como romancista e intelectual. Contudo, mesmo estas prerrogativas não o mantiveram em silêncio. As personagens femininas de *O Tempo e o Vento*, em especial Maria Valéria Terra, são o grande destaque de sua obra, e têm muito a dizer até os dias de hoje.

Referências

- ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: Uma interpretação da personagem feminina n'O Tempo e o Vento de Erico Verissimo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, p. 147. 1992.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *Escrever Ficção: Um Manual de Criação Literária*. São Paulo/SP: Editora Companhia das Letras, 2019.
- ALKIMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística: Parte I*. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística. Domínios e Fronteiras*. V.1 São Paulo/SP: Cortez, 2001. p. 21-139.
- BALZAN, Carina Fior Postinger. Bibiana x Luzia: preservação e destruição em "O tempo e o vento". *Revista Claraboia*. Jacarezinho/PR, v.7, p. 58-72, jan./jun., 2017. ISSN: 2357-9234.
- BORIN, Máisa Augusta et al. *Sociolinguística: 3º semestre*. Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, RS: Editora ETIC, 2008.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo, SP: Editora Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1968.
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura*. 1 ed. Porto Alegre, RS: Editora L&PM, 2017.
- FERNANDES, Fernanda. A história da educação feminina. *Multirio*, Rio de Janeiro, 07 de mar. de 2019. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educac%C3%A7%C3%A3o-feminina> Acesso em: 20 de set. de 2021.
- KIEFER, Charles. *Manual de escrita criativa*. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2011.
- MARQUES, Mariana Lima. Comunicando experiências: O tempo, o vento e o narrador. XI *Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*, São Paulo, Brasil, 13 jul. 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/050/MARIANA_MARQUES.pdf Acesso em: 12 nov. 2021.
- MOURA NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

“O TEMPO E O VENTO” – ANÁLISE DA OBRA DE ERICO VERISSIMO. Guia do Estudante Abril, 2020. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-tempo-e-o-vento-analise-da-obra-de-erico-verissimo/> Acesso em: 14/08/2020.

SANTOS, Cristina Sabin dos. Erico Verissimo: Um notável gaúcho na literatura brasileira. *Brasil Escola*, [s. l.], 12 nov. 2021. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/imprimir/119697> Acesso em: 12 nov. 2021.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Continente I*. 31 ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Continente II*. 29 ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Retrato II*. 21 ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Arquipélago I*. 19 ed. São Paulo: Editora Globo, 1997.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Arquipélago III*. 19 ed. São Paulo: Editora Globo, 1997.

Recebido em: 21/2/2022

Aprovado em: 24/5/2022